

UNIVERSIDADE DE TRÁS – OS – MONTES E ALTO DOURO

Escola de Ciências Humanas e Sociais

Mestrado em Ensino nos 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico

***O Trabalho de Grupo como Estratégia
de Ensino e de Aprendizagem no 2º
Ciclo do Ensino Básico***



Nuno Frederico Gomes Costa
Martins

Orientador:

Professor Doutor Carlos Alberto
Ferreira

setembro de 2016

UNIVERSIDADE DE TRÁS – OS – MONTES E ALTO DOURO

Escola de Ciências Humanas e Sociais

Mestrado em Ensino no 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico

O Trabalho de Grupo como Estratégia de Ensino e de Aprendizagem no 2º Ciclo do Ensino Básico



Nuno Frederico Gomes Costa
Martins

Orientador:

Professor Doutor Carlos Alberto
Ferreira

setembro de 2016

Resumo

O presente relatório de estágio, intitulado “O Trabalho de Grupo como Estratégia de Ensino e de Aprendizagem no 2º Ciclo do Ensino Básico” pretende descrever e analisar a prática de ensino supervisionada nos 1º e 2º ciclos do ensino básico, com destaque para a estratégia de trabalho de grupo usada na prática de ensino supervisionada no estágio na disciplina de História e Geografia de Portugal do 2º ciclo do ensino básico.

A principal finalidade é a de evidenciar o trabalho de grupo como uma estratégia de ensino importante para a construção de aprendizagens significativas dos conteúdos nos alunos e para o desenvolvimento de competências sociais nos alunos.

Palavras-chave: Trabalho de grupo; estratégia de ensino; 2º ciclo do ensino básico.

Abstract

The present internship report, entitled “The Group Work as a Teaching and Learning Strategy of the Second Cycle of Basic Teaching” has a main goal, which is to describe and analyse the practice of supervised teaching at the 1st and 2nd cycles of basic teaching, focusing on the group work strategy used on the supervised teaching practice at the internship of the discipline of “Portugal’s History and Geography” of the 2nd cycle of basic teaching.

The main goal of this investigation consists in understanding the group work as a teaching and learning strategy, which is important in the cognitive and social development of the student.

Keywords: group work; teaching strategy; 2nd basic cycle

Índice

Resumo	III
Índice	IV
Índice de Figuras	V
Introdução.....	1
I – Enquadramento Teórico sobre o Trabalho de Grupo.....	3
1- A Estratégia de Ensino e o Trabalho de Grupo	3
2 - Conceito de Trabalho de Grupo	5
3 - As Fases do Trabalho de Grupo	9
4 - O Papel do Professor no Trabalho de Grupo	10
II – Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada	13
1 - Caraterização do meio	13
2 - Caraterização das Escolas	13
3 - Caraterização das Turmas de Estágio	15
III – A prática de ensino supervisionada no 1º e 2º ciclos do Ensino Básico.....	20
1 - A prática de ensino supervisionada no 1º ciclo do Ensino Básico.....	20
2- Reflexão crítica sobre a aula realizada	27
3 - A prática de ensino supervisionada no 2º ciclo do Ensino Básico.....	29
4- Reflexão crítica sobre a aula realizada	30
5 – O trabalho de grupo nos estágios dos 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico	32
Conclusão	35
Referências Bibliográficas	36

Índice de Figuras

Figura 1 - Horário da turma.....	16
----------------------------------	----

Introdução

No âmbito do Mestrado em Ensino dos 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, a prática de ensino supervisionada (estágios I e II) culmina com a elaboração do Relatório de Estágio.

Estes estágios foram uma oportunidade de entrar em contacto com a realidade profissional para a qual nos formamos, tendo permitido complementar e aperfeiçoar as competências profissionais adquiridas ao longo da nossa formação académica, através da articulação teoria-prática.

Este relatório descreve e reflete sobre a prática de ensino supervisionada por nós realizada, na qual privilegiámos a utilização do trabalho de grupo como estratégia de ensino. A opção por esta estratégia deveu-se a que a heterogeneidade de interesses e de necessidades dos diversos alunos que frequentam a escola levam a que “o professor tem que recorrer agora, mais do que antes, a pedagogias diferenciadas que perspectivem a progressão individual dos alunos, num contexto educativo e sócio-cultural frequentemente hererogéneo” (Pato, 2001, p. 7). De forma a desenvolver as capacidades individuais dos alunos, mas também de forma a motivá-los para a aprendizagem dos conteúdos programáticos, o trabalho de grupo pareceu-nos permitir a pesquisa, a interação e o diálogo nos alunos com vista à resolução de situações problemáticas relacionadas com o ensino e a aprendizagem dos conteúdos planificados.

Durante a realização do Estágio nos referidos ciclos do ensino básico, foi notória a capacidade de assimilação dos conhecimentos por parte dos alunos, destacando-se, também, o desenvolvimento de competências sociais que a mencionada estratégia de ensino permitiu desenvolver neles.

Assim, o presente relatório de estágio encontra-se estruturado em três partes. A primeira parte consiste no enquadramento teórico, onde começamos por abordar o trabalho de grupo como uma estratégia de ensino e de aprendizagem, focando o conceito de trabalho de grupo, as suas fases e o papel do professor.

A segunda parte consiste na contextualização da prática de ensino supervisionada, na qual começamos por caracterizar o meio, as instituições e as turmas dos dois estágios.

A terceira e última parte é referente à nossa prática de ensino supervisionada nos 1º e 2º ciclos do Ensino Básico, onde apresentamos e refletimos sobre uma aula realizada no 1º e no 2º ciclos do ensino básico e, por fim, apresentamos e refletimos, em função do enquadramento teórico delimitado, sobre a implementação da estratégia de trabalho de grupo na prática de ensino supervisionada na disciplina de História e Geografia de Portugal do 2º ciclo do ensino básico.

I – Enquadramento Teórico sobre o Trabalho de Grupo

1- A Estratégia de Ensino e o Trabalho de Grupo

Tendo em consideração que os programas dos 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico colocam em evidência o aluno como um agente ativo na construção da sua aprendizagem, quer a nível da aquisição e/ou desenvolvimento de atitudes, quer de capacidades e de conhecimentos (Ministério da Educação, 2006), o ensino e a aprendizagem por tarefas realizadas em grupos de alunos constitui uma estratégia privilegiada para a construção das aprendizagens.

O trabalho de grupo de alunos poder ser entendido como uma estratégia de ensino e de aprendizagem, porque “o elemento definidor da estratégia de ensino é o seu grau de concepção intencional e orientadora de um conjunto organizado de ações para melhor consecução de uma determinada aprendizagem” (Roldão, 2010, p. 57). Sendo através da estratégia de ensino que se faz a ligação dos meios com os fins do ensino (Domingos; Neves, Galhardo, 1987), Roldão (2010, p. 68) define a estratégia de ensino como “uma concepção global, intencional e organizada, de uma acção ou conjunto de acções tendo em vista a consecução das finalidades de aprendizagem visadas.” Daí que a estratégia tenha de ser entendida como uma organização de uma atuação dentro de um processo pedagógico bem definido, obedecendo a objetivos previamente determinados e tendo em consideração as características da realidade onde é implementada e os recursos de que se dispõe (Estrela, 1984, in Pacheco; Flores, 1999, p. 159).

Enquanto “elemento configurador global de um plano intencional de ação que especifica as atividades do professor e dos alunos” (Pacheco; Flores, 1999, p. 160), a estratégia assume como características essenciais a intencionalidade, a coerência e os modos de organização e avaliação fundamentados (Roldão, 2010). É considerando estas características que a seleção de uma estratégia de ensino tem de ser feita em função dos objetivos de aprendizagem que os alunos têm que cumprir, os conteúdos a lecionar, os

recursos a usar e as características dos alunos que vão aprender. Desta forma, o trabalho de grupo assume uma intencionalidade e obedece a um conjunto de ações por parte dos professores e dos alunos, permitindo a estes últimos cumprir os objetivos de aprendizagem estabelecidos e, desta forma, construírem aprendizagens.

2 - Conceito de Trabalho de Grupo

Um grupo pode ser entendido como um conjunto de pessoas que interagem, que têm consciência umas das outras e se percebem como um grupo por terem um objetivo ou características comuns (Castro; Ricardo, 2003). Sendo o grupo constituído por um número limitado de pessoas, gera-se nelas um debate ou uma discussão que se caracteriza pela troca de opiniões e de ideias sobre um problema ou uma tarefa que estará na origem da sua criação (Ribeiro, 1990). Deste modo, o trabalho de grupo, estruturado e organizado em função de um problema ou de tarefas a serem realizadas por um grupo de alunos, constitui uma estratégia de ensino e de aprendizagem que requer a participação de cada membro do grupo, com o objetivo de realizar um trabalho conjunto, decidido, planificado e organizado de comum acordo (Castro; Ricardo, 2003). Esta forma de trabalho é importante para desenvolver competências sociais, tais como a comunicação, a cooperação, a gestão de conflitos, a tomada de decisões e a avaliação de processos (Freitas; Freitas, 2003). Ainda é importante para realização de aprendizagens de conhecimentos e para o desenvolvimento de várias capacidades cognitivas dos alunos, como a compreensão, a interpretação, a análise, a síntese e a avaliação.

Também vendo potencialidades no trabalho de grupo, Lebrun (2008, p. 164) afirma que “os trabalhos de grupo são importantes para desenvolver as competências relacionais e sociais dos estudantes, mas igualmente no plano cognitivo (compreensão, análise, avaliação...)”. Isto porque a aprendizagem em grupo visa que os alunos do grupo se aceitem e desenvolvam a sua auto-estima e a sua identidade como grupo e, ainda, que reduzam a ansiedade, a insegurança e o sentimento de incapacidade nos seus elementos face a uma tarefa ou a um objetivo perseguido, pois todos se interajudam para esse fim (Freitas; Freitas, 2003). Nesta interação promovida pelo trabalho em grupo, “o estudante será levado a explicitar, a aprofundar, confrontar, argumentar, avaliar, transformar os seus conhecimentos, em suma, a executar as alterações conceptuais” (Lebrun, 2008, p. 164), mas também atitudinais.

A organização da turma para o trabalho de grupo não pode ser feita de forma aleatória, mas antes seguir certos critérios, que, segundo Pato (2001), são os seguintes:

a) Número de alunos por grupo:

Para ser coeso e funcional na sua organização, cada grupo não pode ter mais que cinco elementos. Verifica-se que com um número superior de elementos, os grupos tendem a subdividir-se (Pato, 2001). Por outro lado, estando o número de alunos por turma situado entre vinte e cinco a trinta, a constituição de grupos com três elementos implicaria um elevado número de grupos. Consequentemente, o acompanhamento dos diversos grupos pelo professor estaria dificultado. Daí ser aconselhável a formação de grupos com quatro ou cinco elementos cada (Pato, 2001).

b) Número de grupos a serem criados:

De um modo geral, numa turma devem-se formar-se seis grupos.

c) Grupos homogêneos e grupos heterogêneos:

Designam-se por grupos homogêneos aqueles em que os alunos têm o mesmo nível de aproveitamento, a mesma idade ou ainda o mesmo género e por grupos heterogêneos, aqueles cujos alunos do grupo têm diferentes níveis de aproveitamento ou diferentes idades ou, ainda, diferentes géneros (Pato, 2001). Nos grupos heterogêneos, todos os alunos que o constituem beneficiam do confronto de ideias e da partilha de aprendizagens (Lebrun, 2008; Ribeiro, 1990). A interajuda nos alunos destes grupos tem um papel relevante na aprendizagem de todos, pois é mais eficaz do que a explicação dada pelo professor (Lebrun, 2008; Pato, 2001). Há uma lógica de raciocínio e códigos de linguagem próprios de cada fase etária que facilitam a comunicação entre os alunos. Constata-se, também, que o aluno que adquiriu um certo conhecimento o consolida na explicação ao colega que aprende com ele. A verbalização do pensamento imposta pela interajuda no trabalho de grupo e, particularmente, pela necessidade de clarificar ideias, desmontar raciocínios, tirar dúvidas, é um contributo muito importante para o desenvolvimento de capacidades de raciocínio e de comunicação (Pato, 2001).

O espaço de interajuda que se abre nos grupos heterogêneos é o mais favorável ao desenvolvimento de atitudes como a persistência, a confiança em si próprio, a responsabilidade, a tolerância e a solidariedade (Pato, 2001). No entanto, pode ser pedagogicamente aconselhável a constituição esporádica de grupos homogêneos. A integração no mesmo grupo de alunos que revelam mais dificuldades é uma forma de

organização temporária que permite o apoio educativo acrescido na sala de aula, pois permite ao professor o acompanhamento privilegiado desses alunos (Pato, 2001).

d) Grupos espontâneos, grupos mistos, grupos formados de acordo com interesses comuns:

Propor aos alunos de uma turma que se organizem em grupos de quatro ou cinco elementos para a realização de uma determinada tarefa, sem qualquer outra indicação, leva a que, inevitavelmente, prevaleça como critério de formação do grupo as afinidades afetivas. A adoção deste critério na formação dos grupos, de que resulta a formação de grupos espontâneos, pode conduzir, segundo Pato (2001), a problemas como: a possibilidade de alunos poderem ficar excluídos dos grupos formados; as amizades pouco duradouras nos alunos e que geram conflitos, autocracias afetivas e submissões indesejáveis resultantes do desentendimento nos membros do grupo; os alunos com problemas comportamentais têm tendência a juntar-se no mesmo grupo com consequências no funcionamento do grupo, no trabalho por ele realizado e no trabalho dos outros grupos pela perturbação que criam.

Para evitar a formação de grupos espontâneos criados em função das afinidades nos alunos, Pato (2001) considera que na formação dos grupos se deve atender aos seguintes critérios:

- constituição de grupos com quatro ou cinco elementos;
- é de privilegiar a formação de grupos heterogêneos em termos de aproveitamento escolar ou de idades;
- os grupos devem ser mistos quanto ao género;
- os grupos devem ser formados em função de interesses ou objetivos comuns nos seus elementos.

e) Tempo de duração dos grupos: grupos fixos e grupos variáveis

Os grupos formados com vista à realização de um determinado projeto ou de uma dada tarefa de duração limitada, extinguem-se após a conclusão das referidas tarefas para as quais foram constituídos. Este tipo de grupos têm uma duração limitada, pelo que são

considerados variáveis, porque diferem nos seus elementos em função da tarefa e dos respetivos objetivos para as quais são formados.

Quando se formam grupos tendo em vista a realização prolongada, durante o ano letivo, de aulas centradas no trabalho de grupo, tratando-se, neste caso de grupos fixos, deve haver a preocupação de assegurar que esses grupos dispõem de tempo para o crescimento na sua estruturação e, desta forma, permitir que atinjam um grau de maturidade no qual a dinâmica grupal é por si mesma reprodutora das potencialidades do trabalho de grupo (Freitas; Freitas, 2003; Ribeiro, 1990). Durante um ano letivo, deve-se procurar ter na classe grupos fixos e definir com os alunos metas a atingir no que respeita à estruturação de cada grupo, pois assumem grande importância devido a terem de acompanhar os objetivos gerais previstos no plano anual de ensino/aprendizagem.

f) A rejeição do trabalho no grupo

Segundo Pato (2001), há um tipo de situação no trabalho de grupo enquanto opção metodológica, que requer do professor cuidada avaliação para uma resposta adequada, que diz respeito à rejeição do trabalho de grupo, por parte dos alunos. Quando se percebe que essa rejeição é causada por dificuldades sentidas no relacionamento com os colegas do grupo, deve solucionar-se o problema através do diálogo com o aluno e com os seus companheiros. Quase sempre são casos de manifesto individualismo, apoiado e mesmo estimulado no meio familiar. Aceder a estes desejos dos alunos, traz resultados catastróficos quando se trata de crianças ou jovens com dificuldades de aprendizagem, podendo mesmo, a curto prazo, o seu aproveitamento baixar significativamente (Pato, 2001). Atendendo a aspetos do domínio cognitivo, não deixam de ser igualmente prejudicados no desenvolvimento de capacidades e de atitudes.

Para Castro e Ricardo (2003), o trabalho de grupo é importante para pôr em prática competências sociais, estimular a interdisciplinaridade, assim como aprender a resolver problemas, partindo das situações expostas e dos recursos disponíveis à sua resolução.

3 - As Fases do Trabalho de Grupo

Para o bom funcionamento de um grupo e para que este consiga cumprir a finalidade que o levou a criar, é necessário que estejam reunidas condições propícias ao desenvolvimento do trabalho no grupo. O trabalho de grupo passa por diferentes fases que, segundo Castro e Ricardo (2003) são as seguintes:

“Acolhimento – «Quem sou eu?»

É a fase dos primeiros contactos. É preciso dar a cada elemento do grupo oportunidade de dizer quem é, proporcionando, assim, um clima de aceitação e de confiança entre os elementos do grupo. Se esta fase não é tida em conta pelo grupo, há o risco da desconfiança entre os seus elementos.

“Trocas, informações – «Quem são vocês?»

Esta fase pode confundir-se com a anterior, ou pode ser vivida pela passagem da apresentação em grande grupo às apresentações em pequenos grupos, de forma a que haja uma troca de impressões pessoais entre os elementos do grupo. A ausência das trocas de informações entre os elementos do grupo pode impedir a realização com sucesso da tarefa que o grupo vai realizar.

“Fixação de objetivos – «Que é que vamos fazer?»

Nesta fase, o grupo define o que vai fazer, apresentando e analisando os alunos do grupo sugestões e formas de realização da tarefa.

“Organização e controlo – «Como vamos fazer?»

É a fase da planificação do trabalho, da divisão de tarefas, do estabelecimento de dispositivos de controlo e de *feedback*. A planificação da realização da actividade é feita em função dos recursos e do tempo que o grupo dispõe e, ainda, do contexto

em que a tarefa vai ser realizada. Quando esta planificação não acontece, pode surgir a dependência, a passividade ou a inatividade de elementos do grupo.

Se o grupo soube organizar-se, distribuir tarefas e gerir os seus recursos, verifica-se uma situação de interdependência: cada um sabe que o seu trabalho é importante para o trabalho do grupo.

“Conclusão e apresentação do trabalho – «Que fizemos?»»

Depois de concluída a tarefa, é possível verificar o resultado da atividade desenvolvida, quer em relação ao produto final (a tarefa executada), quer em relação ao processo relacional dentro do grupo e deste com o exterior.

4 - O Papel do Professor no Trabalho de Grupo

O professor desempenha um papel importante durante o trabalho de grupo e que é diferente daquele desempenhado no ensino expositivo. Isto porque o seu papel é o de orientador, de moderador, de facilitador dos recursos e meios necessários à realização da tarefa, possibilitando, desta forma, que os alunos assumam um papel ativo na construção da sua aprendizagem (Ribeiro, 1990).

As funções do professor diferem nas diferentes etapas do processo de trabalho de grupo. Segundo Pato (2001), na fase da planificação e da preparação das atividades, a função do professor é a de organizar e de preparar a turma para o trabalho de grupo, clarificando o que o mesmo significa e as fases da sua concretização. Num primeiro momento, esta clarificação do que é um grupo e do trabalho em grupo é feita na turma e, depois, em cada grupo. Na primeira fase do trabalho de grupo, é preciso que os alunos apresentem sugestões de tarefas ou de temas a explorar. Aquando da planificação das situações de aprendizagem ou das tarefas que cada grupo vai realizar, o professor procura fazer uma gestão ponderada do tempo que destina a cada unidade de trabalho, de forma a garantir o cumprimento dos programas. Com um papel determinante nesta fase, o

professor deve criar situações problemáticas de forma a motivar e a desafiar os alunos, potencializando ao máximo a dinâmica grupal, aproveitando as experiências vividas e os interesses dos alunos de cada grupo (Pato, 2001). Também é importante dar oportunidade aos alunos para produzirem e selecionarem materiais, num processo que deve ser supervisionado pelo professor através do diálogo com os elementos de cada grupo, clarificando os objetivos das tarefas que vão realizar.

Na apresentação da proposta de trabalho e nas orientações para a sua realização pelo grupo, o professor sugere como deve ser desenvolvido o trabalho e as suas etapas. É fundamental que haja uma marcação do tempo aproximado para a execução de cada atividade, de forma a que haja uma gestão equilibrada do tempo por parte do grupo de alunos. Nesta etapa do trabalho de grupo, o professor funciona como um orientador, fornecendo aos grupos de alunos informações claras e essenciais do que se pretende da tarefa (Pato, 2001).

Depois dos grupos formados e já durante o seu trabalho, o professor fica disponível para observar, orientar, dinamizar e avaliar o que cada grupo e cada um dos seus elementos faz (Freitas; Freitas, 2003). Durante a observação individualizada, é aconselhável que o professor circule pelos grupos para se certificar de que se encontram no caminho certo para o objetivo pretendido, ou, caso se justifique, para corrigir ou alertar para o que estão a fazer mal ou que precisam melhorar. Contudo, deve evitar dar opiniões, dar respostas, tirar conclusões ou até mesmo sobrepor as suas decisões às de cada grupo de alunos (Pato, 2001). O professor deve antes interrogar e colocar questões ao grupo, ou a cada um dos seus elementos para desbloquear certos impasses, incentivando e desenvolvendo o raciocínio dos alunos. “Assistir ao desenvolvimento das actividades, em cada grupo, permite ainda avaliar até que ponto a planificação feita pelo professor se revela adequada (...)” (Pato, 2001, p. 64), o que pode conduzir à reformulação parcial ou total da proposta de trabalho, de acordo com as dificuldades ou desafios que cada grupo enfrenta.

Durante o debate geral da turma, o professor assumirá funções de moderador e de dinamizador desse mesmo debate. Nesta etapa, cabe ao professor moderar o diálogo entre cada grupo e a turma, fazendo respeitar os pedidos de intervenção e promovendo a participação dos alunos mais tímidos. Deve, ainda, centrar a discussão naquilo que é fundamental, tendo em conta os objetivos definidos para as atividades realizadas por cada grupo, impedindo, desta forma, a perda de controlo sobre o mesmo e o desvio do assunto

principal. Também é importante que o professor reconheça o esforço e o empenho revelados pelos grupos na concretização do trabalho e que impeça a competição entre os grupos. O professor deve, ainda, conduzir os alunos a elaborarem sínteses ou a tirarem conclusões do debate, registrando a informação necessária (Pato, 2001). No final do debate, o professor deve proceder a uma avaliação da forma como se processou o trabalho nos grupos e o debate nos mesmos, solicitando, para isso a opinião dos porta-vozes, para se pronunciarem sobre as dificuldades sentidas, sobre o funcionamento dos grupos e a execução das tarefas.

Para avaliar o trabalho do grupo, o professor tem de refletir sobre os aspetos mais relevantes no funcionamento de cada grupo, sobre a qualidade das tarefas que cada um deles elaborou e deve refletir sobre a forma como ele orientou/acompanhou os trabalhos nos diversos grupos.

II – Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada

1 - Caraterização do meio

Tendo em conta diversos fatores para a aprendizagem de uma criança, podemos referir o meio onde se localiza a escola como um desses fatores.

Através da caracterização do meio, o professor passa a conhecer a comunidade, o tipo de população, os recursos disponíveis e, por consequência, compreende melhor os contextos educativos onde vai lecionar. Desta forma, é possível ao professor seleccionar as estratégias de ensino que melhor se enquadrem no meio em questão, de forma a conseguir tirar o máximo rendimento dos seus alunos.

Segundo o descrito na página web da Câmara Municipal de Vila Real, consultada em 26 de junho de 2016, a cidade está situada a cerca de 450 metros de altitude, sobre a margem direita do rio Corgo, um dos afluentes do Douro. Localiza-se num planalto rodeado de altas montanhas, em que avultam as serras do Marão e do Alvão. O Concelho é constituído por 20 Freguesias: Abaças, União das Freguesias de Adoufe/Vilarinho de Samardã, Andrães, Arroios, União das Freguesias de Borbela/Lamas de Ôlo, Campeã, União das Freguesias de Constantim/Vale de Nogueiras, União das Freguesias de Nogueira/Ermida, Folhadela, Guiães, União das Freguesias de São Tomé do Castelo/Justes, União das Freguesias de Mouçós/Lamares, Lordelo, Mateus, Mondrões, União das Freguesias de Vila Real, Parada de Cunhos, União das Freguesias de São Miguel da Pena/Quintã/Vila Cova, Torgueda e Vila Marim. A população do concelho ronda os 52.000 habitantes, para uma área de cerca de 370 km².

2 - Caraterização das Escolas

O Centro Escolar da Araucária pertence ao Agrupamento Vertical de Escolas Morgado Mateus e fica situado na União das Freguesias de Vila Real (São Pedro), mais concretamente no bairro Dr. Francisco Sá Carneiro.

O Centro Escolar da Araucária tem o seguinte horário letivo para os docentes e alunos do 1º Ciclo do ensino básico: 9:00 h- 12:15 h, com um intervalo das 10:30 h até

as 11 h. As aulas retomam na parte da tarde às 14:10 h e terminam às 16:20 h. Das 16:30 h até às 17:30 h funcionam as Atividades de Enriquecimento Curricular.

Este Centro Escolar está rodeado por espaços exteriores bastante amplos. O seu pavimento é, sobretudo, arenoso, havendo, contudo, zonas com tapete sintético, o que proporciona maior segurança às crianças. O campo de jogos tem um piso alcatroado, de forma a permitir a prática de atividades físicas. Existe também um parque de diversões que apresenta boas condições e qualidade para as atividades que nele se realizam.

No que diz respeito ao espaço interior, este é composto por dois pisos.

O piso 0 é composto por uma área polivalente, biblioteca e cantina. Neste piso existe ainda a reprografia, a secretaria, a sala de informática, a sala de recursos, o gabinete da direcção, três salas de jardim-de-infância e instalações sanitárias para crianças e para adultos. Tanto a biblioteca como a sala de informática funcionam também como sala de apoio formativo.

Na biblioteca os alunos encontram um espaço onde podem ler de forma sossegada, fazer trabalhos de pesquisa, requisitar livros, entre outras atividades.

É de salientar que a cantina não é um espaço muito grande, tendo em conta o número de alunos da escola, pelo que é necessário recorrer a turnos para todos os alunos poderem almoçar. As refeições da escola estão a cargo de uma empresa pertencente à Câmara Municipal de Vila Real.

No piso 1, estão as nove salas do 1º ciclo do ensino básico, uma sala de educação especial, a sala dos professores, uma sala de audiovisuais, instalações sanitárias para crianças e para adultos e um elevador de apoio.

A Escola Básica 2 e 3 Monsenhor Jerónimo Amaral, pertencente também ao Agrupamento Vertical de Escolas Morgado de Mateus, situa-se na União de Freguesias de Vila Real, mais concretamente na Rua Dr. Sebastião Augusto Ribeiro. Esta escola é constituída por cinco pavilhões - A; B; C; D e o gimnodesportivo. Todos estes pavilhões apresentam boas condições para as necessidades educativas dos alunos. No pavilhão A podemos encontrar a Sala dos Professores, a Sala dos Diretores de Turma, a Receção, o Gabinete do Coordenador de Estabelecimento, a Biblioteca - “Espaço Culturalmente”, a Reprografia, a Sala Multiusos, e, por último, o Auditório - “Via Láctea”. No que diz respeito ao pavilhão B, neste encontram-se sete salas de aula - uma sala de Educação

Visual, uma sala de Educação Tecnológica, uma sala de Educação Musical e ainda um Laboratório de Físico-química. Em relação ao pavilhão C, este é constituído por oito salas de aula, uma sala de Educação Visual, uma de Educação Tecnológica, uma sala de Matemática, duas salas de Ciências da Natureza e uma sala de Informática. Fazem parte também deste pavilhão as Arrecadações. No pavilhão D, podemos encontrar a Papelaria, o Bar, o refeitório, a sala de Apoio aos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), o Gabinete de Serviço de Psicologia e Orientação (SPO), a sala Projeto de Educação para a Saúde (PES) e o Gabinete do Chefe do Pessoal Auxiliar.

No último pavilhão, designado por gimnodesportivo, encontramos dois balneários - um para o sexo feminino e outro para o sexo masculino e um espaço interior dedicado à prática de Educação Física. Os alunos podem ainda ter aulas de Educação Física no campo de futebol ou de basquetebol, que se encontram no exterior do pavilhão gimnodesportivo.

3 - Caracterização das Turmas de Estágio

A caracterização dos alunos das turmas é importante visto que é imprescindível à tomada decisões para o ensino por parte do professor.

A turma G4 do 3º ano da Escola Básica nº7 de Vila Real (Centro Escolar da Araucária) era constituída por 23 alunos, sendo que 12 eram do género masculino e 11 do género feminino, com idades compreendidas entre os 8 e os 10 anos.

Segundo o documento “Breve caracterização da turma”, disponibilizado pela professora titular de turma, 35% residiam a 1 km de distância da instituição, 30% entre 1 a 3 km, 26% a mais de 3 km e sobre os restantes 9 %, não existiam dados. É de salientar que grande parte da turma utilizava o automóvel como meio de deslocação casa-escola, escola-casa (78%).

Os alunos da turma cumpriam o horário que consta na figura 1, entrando e saindo sempre à mesma hora, o que permitia habituarem-se às rotinas. A professora titular lecionava de segunda-feira a quinta-feira e a professora auxiliar lecionava na sexta-feira.

Figura 1 - Horário da turma

HORAS	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	
9:00/10:30	Português	Matemática	Português	Matemática	Português	
10:30/10:55	INTERVALO					
10:55/12:15	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática	
12:15/14:10	ALMOÇO					
14:10/15:00	Oferta	Estudo do Meio	Matemática	Estudo do Meio	Apoio ao Estudo	
15:00/15:10	Complementar					
15:10/15:20	Expressões					
15:20/15:30						
15:30/15:40						
15:40/16:20						Expressões
16:20/16:30	INTERVALO					
16:30/17:30	ALE	Atividades de Enriquecimento Curricular				

Fonte: Plano de Acompanhamento Pedagógico de Turma

Segundo o documento “Breve caracterização de turma”, disponibilizada pela diretora de turma da turma do 5º ano de escolaridade da Escola Básica Monsenhor Jerónimo Amaral era constituída por 19 alunos, sendo 11 do género masculino e 8 do género feminino, com uma média de idades de 10 anos.

Do total de alunos, 9 demoravam a fazer o percurso casa-escola em 15 a 30 minutos e 10 alunos em menos de 15 minutos.

Relativamente aos alunos que beneficiavam de Ação Social Escolar, existiam 6 com escalão A e 2 alunos com escalão B, o que nos levou a concluir que existiam diferenças económicas, que não se reflectiam em qualquer distinção nos colegas da turma.

A turma era heterogénea no aproveitamento escolar, pois existiam alunos que manifestavam algumas dificuldades de aprendizagem e outros com menos dificuldades. Segundo o documento “Breve caracterização de turma” que nos foi fornecida pela directora de turma, existiam 6 alunos que foram propostos para a frequência de aulas de apoio pedagógico a Português e a Matemática. Destes, só 5 frequentavam as referidas aulas de apoio pedagógico, que se juntavam a outros 7 alunos da turma que frequentavam voluntariamente estas aulas.

Um dos alunos da turma tinha necessidades educativas especiais (NEE), tendo ficado retido no ano letivo anterior. Este aluno era acompanhado por uma professora de apoio, que planificava diversas atividades adequadas às suas necessidades, encontrando-se sempre à parte da restante turma. Este aluno seguia um plano educativo individual (PEI) e no ano letivo anterior tinha frequentado o Serviço de Psicologia.

Segundo o documento “Breve caracterização de turma”, disponibilizada pela directora da turma do 6º ano de escolaridade da Escola Básica Monsenhor Jerónimo Amaral, a turma era constituída por 20 alunos: 7 do género masculino e 13 do género feminino, com idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos.

Relativamente ao tempo de deslocação casa-escola, 9 alunos demoravam menos de 15 minutos, 9 alunos demoravam entre 15 e 30 minutos e ainda dois alunos que demoravam mais de 30 minutos.

Seis alunos da turma tinham tido retenções em anos anteriores. Havia, ainda, 7 alunos que seguiam planos de recuperação/plano de acompanhamento pedagógico individual, alguns com retenções e ainda outros sem retenções. Da turma também faziam parte 2 alunos com necessidades educativas especiais e 2 alunos que frequentavam o Serviço de Psicologia.

Relativamente às aulas de apoio pedagógico de português, 7 alunos frequentavam-nas. Para as aulas de apoio pedagógico de matemática tinham sido propostos 11 alunos mas apenas 4 as frequentavam. Uma aluna frequentava voluntariamente estas aulas.

Esta turma tinha 12 alunos que beneficiavam de Ação Social Escolar, sendo que 6 usufruíam de escalão A e os restantes 6 do escalão B. É de realçar que também 3 alunos da turma tinham sido propostos para a distinção de comportamento de excelência e/ou comportamento meritório, no ano letivo 2014-2015.

Segundo o documento “Breve caracterização de turma”, disponibilizada pela diretora de turma da turma do 5º ano de escolaridade da Escola Básica Monsenhor Jerónimo Amaral, a turma deste ano de escolaridade era constituída por 18 alunos, sendo 10 do sexo masculino e 8 do sexo feminino, com uma média de idades de 10 anos.

Na deslocação casa-escola, 11 alunos faziam-no num tempo inferior a 15 minutos, 6 alunos num período de tempo entre 15 a 30 minutos e apenas 1 aluno ultrapassava os 30 minutos.

A turma era constituída por quatro alunos com retenções em anos anteriores, sendo que 2 deles já tinham tido mais do que uma retenção no seu percurso escolar. Havia, ainda, 5 alunos que tinham plano de recuperação/plano de acompanhamento pedagógico individual. Da turma fazia parte 1 aluno com necessidades educativas especiais, que tinha um Plano Educativo Individual.

Nesta turma, 6 alunos beneficiavam de Ação Social Escolar, dos quais 5 eram do escalão A e apenas 1 do B.

Segundo o documento “Breve caracterização de turma”, disponibilizada pela diretora de turma do 5º ano, da Escola Básica Monsenhor Jerónimo Amaral, a turma era constituída por 22 alunos, 12 dos quais do sexo masculino e 10 do sexo feminino, com uma média de idades de 10 anos.

Três dos alunos da turma tiveram uma retenção no seu percurso escolar, não havendo nenhum aluno com plano de recuperação/plano de acompanhamento pedagógico individual. De salientar também que não havia nenhum aluno com necessidades educativas especiais.

Seis alunos da turma beneficiavam de Ação Social Escolar: 3 com escalão A e 3 com escalão B.

III – A prática de ensino supervisionada no 1º e 2º ciclos do Ensino Básico

1 - A prática de ensino supervisionada no 1º ciclo do Ensino Básico

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Escola de Ciências Humanas e Sociais
Mestrado em Ensino do 1º e 2º ciclo do Ensino Básico



U. C. : Estágio I

Docente: Professora Doutora Ana Maria Bastos

Professora Cooperante: Professora Márcia Cabanelas Serôdio

Discente: Ana Sofia Sampaio nº 50748

Nuno Martins nº 34428

**Vila Real,
20 de abril de 2015**

Discente: Nuno Martins Professora cooperante: Professora Márcia Cabanelas Serôdio Ano: 3º ano Nº de dias: 1 Data: 20 de abril de 2015						
Sumário: - A notícia; - Unidades de massa do sistema métrico; - Conversões; - Relação entre litro e quilograma. - Trabalho para o 25 de Abril. Tempo: 5 horas						
Área	Conteúdos	Metas Curriculares	Objetivos	Atividades	Recursos	Avaliação
Português	• Leitura - Informação relevante e acessória; - Assunto e ideia principal; - Componentes da	• Registrar ideias relacionadas com o tema da notícia; • Organizar as ideias; • Utilizar uma caligrafia legível;	• Escrita - Produzir um texto informativo corretamente; - Conhecer as características da notícia;	- Elaboração de notícias sobre acontecimentos na escola/sala de aula em grupo; - Apresentação das notícias (redigidas em	• Humanos: - Alunos; - Professora; - Estagiários; • Espaciais; - Sala de aula; • Materiais	Avaliação formativa: -Observação instrumentada segundo a escala de

	narrativa: personagens (principal, secundária (s), espaço, tempo e ação); - Leitura orientada. • Escrita - Registo e organização da informação.	• Usar vocabulário adequado; • Amplificar as notícias através da coordenação de nomes; • Amplificar as notícias através da coordenação de adjetivos; • Amplificar as notícias através da coordenação de verbos; • Verificar se o texto contém as ideias previamente definidas; • Verificar a adequação do	- Utilizar um vocabulário elaborado (na produção da notícia); - Apontar os aspetos errados de um texto; - Apontar os aspetos em falta de uma notícia; - Melhorar um texto informativo; Ilustrar as notícias;	grupo) à restante turma; - Melhorar as notícias em grande grupo; - Ilustração das notícias.	- Folha com as características das notícias (Anexo); - Papel; - Lápis de cor; - Lápis.	verificação (anexo I); -Observação instrumentada segundo a grelha de observação (anexo II).
--	--	--	--	--	---	---

		vocabulário usado; Corrigir os erros de ortografia que o texto contenha;				
Matemática	Unidades de Medida: Massa - Unidades de massa do sistema métrico; - Conversões; - Relação entre litro e quilograma.	Medir Massas - Relacionar as diferentes unidades de massa do sistema métrico; - Realizar pesagens utilizando as unidades do sistema métrico e efetuar conversões - Saber que um litro de água pesa um quilograma.	- Compreender a relação entre as quantidades de massa do sistema métrico; - Converter as unidades do sistema métrico.	- Realização de exercícios propostos no manual (anexo III).	Humanos: - Alunos; - Professora; - Estagiários; Espaciais: - Sala de aula; Materiais: - Manual de Matemática; - Quadro Interativo.	Avaliação diagnóstica: Diálogo com os alunos sobre os conhecimentos adquiridos anteriormente; Avaliação formativa: Do processo: - Observação instrumentada

	• Raciocínio Matemático - Justificação. • Comunicação Matemática - Interpretação; - Representação; - Expressão; - Discussão.					segundo a escala de verificação (anexo I); De Resultados: Exercícios do manual adotado.
Expressão Plástica	• Modelagem e Escultura; • Construções.		• Modelar usando apenas as mãos;	- Construção de um cravo alusivo ao 25 de abril.	• Humanos: - Alunos; - Professora; - Estagiários;	Avaliação formativa: Do processo:

			• Ligar/colar elementos para uma construção; • Construir adereços.		• Espaciais: - Sala de aula; • Materiais: - Papel crepe; - Arame; - Fita-cola; - Cola; - Tesoura; - Cordel.	- Observação instrumentada segundo a escala de verificação (anexo I).
--	--	--	---	--	---	---

2- Reflexão crítica sobre a aula realizada

Pretende-se aqui fazer uma reflexão crítica sobre a minha prática de ensino supervisionada, destacando aquela referente ao trabalho de grupo dos alunos.

Durante o percurso de estágio, a principal preocupação na preparação das aulas prendeu-se sempre com a qualidade do ensino. Para esse efeito, dei especial atenção às atividades realizadas, pois procurei que estas fossem suficientemente estimulantes e desafiadoras para a turma, para, através das mesmas, captar a atenção dos alunos e possibilitar que fizessem as aprendizagens necessárias. Procurei criar as condições pedagógicas que permitissem aos alunos realizarem aprendizagens significativas dos conteúdos lecionados.

Na aula a que se refere a planificação anteriormente apresentada, mais concretamente ao conteúdo programático abordado- a notícia- recorri ao trabalho de grupo como estratégia de ensino e de aprendizagem.

Após um breve diálogo com os alunos, foi-lhes dito o método de trabalho que iríamos utilizar para o ensino e para a aprendizagem da temática em questão, notando-se, no imediato, um entusiasmo por parte dos alunos. A formação dos grupos foi feita com a professora responsável da turma, onde privilegiamos a escolha de cinco grupos heterogéneos no aproveitamento escolar, de forma a haver entreajuda entre os elementos na realização das tarefas. Após a constituição dos grupos, foi proposto aos alunos a realização de uma notícia sobre algum acontecimento relacionado com a escola, ou mesmo sobre algum acontecimento vivido na sala de aula. A opção pelo tema da notícia foi feita em função do tempo disponível para a realização desta atividade. Desta forma, foi possível evitar a perda de tempo na seleção da notícia e até mesmo o conflito, resultante da discórdia de ideias.

No decorrer desta atividade, senti algumas dificuldades na gestão do tempo, pois surgiram algumas dúvidas nos alunos relacionadas, numa primeira fase, com o mínimo e o máximo de palavras a utilizar, o uso de caneta ou de lápis, entre outros aspetos. Como forma de ultrapassar estas dúvidas e evitando que fossem dados esclarecimentos individuais, pedi aos grupos que parassem com as tarefas que estavam a realizar e respondi às questões que estavam a levantar. Esta estratégia revelou-se bastante útil no

final dos trabalhos, pois consegui manter a turma focada e assim evitar a sua dispersão, que poderia levar ao insucesso na tarefa que estavam a realizar.

Como forma de avaliar os conceitos abordados no decorrer desta estratégia de aprendizagem, já com os alunos sentados individualmente, ocorreu um diálogo, no qual questionei os alunos sobre esses conteúdos trabalhados na notícia. Todos os alunos responderam a questões sobre a notícia, percebendo a eficácia de terem trabalhado em grupo. De uma forma geral, os resultados foram bastante satisfatórios, vindo mesmo a confirmar-se a eficácia desta estratégia, através da realização da ficha de avaliação da aprendizagem, onde ficou evidente que os alunos perceberam o processo de elaboração de uma notícia.

3 - A prática de ensino supervisionada no 2º ciclo do Ensino Básico

Plano de aula (23 de fevereiro)

Turma: 5º G

Sumário:

- Trabalho de grupo: constituição dos grupos e distribuição das temáticas.
- Informação essencial relativa ao trabalho.

- **Visualizar um PowerPoint onde explica o funcionamento das aulas;**

- **Pedir aos alunos para formarem grupos (8 grupos) de 2 e 3 elementos cada grupo;**

- **Distribuir os temas por cada grupo (distribuição feita pelo professor);**

- **Reunir os grupos para discutir alguns aspetos tais como:**
 - Páginas do manual relativas à sua temática;
 - Delinear estratégias de pesquisa;
 - Discutir métodos de apresentação.

- **Pedir aos alunos para trazer na próxima aula materiais para trabalharem em grupo (livros e outros documentos).**

4- Reflexão crítica sobre a aula realizada

Aqui irei fazer uma reflexão sobre a minha prática de ensino supervisionada, referente ao 2º ciclo, mais concretamente na disciplina de História e Geografia de Portugal. Embora também tenha adotado o trabalho de grupo como estratégia de ensino e de aprendizagem na disciplina de Português, esta reflexão vai incidir apenas nas aulas da disciplina de História e Geografia de Portugal, isto porque a minha prática de ensino nesta disciplina baseou-se exclusivamente no trabalho de grupo.

Ao longo das seis aulas lecionadas por mim na referida disciplina, tornei os alunos agentes principais no processo de aprendizagem. Ao longo das aulas foram os mesmos que trabalharam os temas, cabendo a cada grupo a responsabilidade da preparação da sua temática, afim de, após explorada por cada grupo, ser apresentada aos colegas da turma. De forma a evitar algumas dificuldades no processo de aprendizagem dos alunos, no final de cada apresentação, e através do diálogo com os mesmos, resumi as temáticas abordadas, dando foco aos objetivos principais de cada tema, terminando com um esclarecimento de dúvidas dos alunos.

Esta estratégia de trabalho, diferente daquele trabalho de grupo onde os alunos dispõem apenas de uma aula para pesquisarem um tema ou assunto, mostrou-se bastante interessante a diferentes níveis, como irei abordar mais à frente.

Como forma de evitar possíveis dúvidas e mesmo para ficar bem definido como iríamos trabalhar nas aulas seguintes, disponibilizei uma aula de quarenta e cinco minutos para a formação dos grupos e para a seleção dos temas de cada grupo. A escolha dos grupos foi feita pelos alunos, tendo-lhes somente pedido para formarem oito grupos com dois ou três elementos cada. Fui eu, em conjunto com a professora da turma, que seleccionámos e fizemos a distribuição dos temas de pesquisa pelos grupos. O critério usado para a distribuição dos temas foi associar o grau de dificuldade de cada tema ao nível do aproveitamento escolar dos elementos de cada grupo, por forma a que fossem capazes de o pesquisar. Esta primeira aula destinada à formação dos grupos e à planificação das aulas seguintes foi bastante útil, pois os alunos demonstraram interesse na organização dos grupos e na planificação dos temas que iriam pesquisar.

As duas aulas seguintes foram dedicadas ao trabalho de pesquisa sobre o tema que cada grupo ficou responsável, cabendo-me o papel de supervisionar e de orientar o trabalho dos alunos para o cumprimento dos objetivos de aprendizagem. Nesta fase do

trabalho, a dificuldade sentida prendeu-se com os diferentes ritmos de trabalho dos diversos grupos. Esta dificuldade resultou da necessidade de despende mais tempo aos grupos com maiores dificuldades, sem descurar a orientação dos outros grupos. Terminadas as duas aulas dedicadas ao trabalho de pesquisa, cabia a cada grupo definir a estratégia de apresentação do trabalho feito aos colegas. Para essa apresentação dei total liberdade aos grupos, de forma a desenvolver a responsabilidade, a criatividade e a autonomia.

A quarta, quinta e sexta aulas, como previsto e definido na primeira aula, foram dedicadas à apresentação dos temas. De salientar que nesta última aula estava prevista a realização de um teste de avaliação dos conhecimentos, tal como combinado com os alunos, que seria o término deste trabalho. Porém, tal não foi possível devido a que a apresentação feita pelos grupos demorou mais tempo que o previsto e devido à necessidade de esclarecimento de dúvidas surgidas nos alunos.

A pesquisa em pequenos grupos foi eficaz, dados os resultados dos alunos no teste de avaliação sumativa que foi constituído por perguntas sobre os temas abordados pelos grupos. Nenhum aluno teve nota negativa no teste, tendo-se, ainda, verificado uma melhor aprendizagem em quase todos os alunos.

No decorrer destas seis aulas, senti uma grande motivação dos alunos, pois estes encararam o trabalho de forma séria, mostrando bastante compromisso na realização das suas tarefas. Tal como no trabalho de grupo realizado no 1º ciclo, a gestão do tempo foi a minha maior dificuldade, pois dei preferência à aprendizagem dos alunos em detrimento do cumprimento da planificação previamente elaborada para as aulas. Porém, fiquei bastante satisfeito com o trabalho desenvolvido, assim como com as aprendizagens realizadas pelos alunos, já que fizeram a aprendizagem dos conteúdos necessários através de uma estratégia de trabalho tão ou mais eficaz que as mais tradicionais.

5 – O trabalho de grupo nos estágios dos 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico

No decorrer dos estágios realizados nos 1º e 2º ciclos do Ensino Básico a minha grande preocupação foi com a aprendizagem dos conhecimentos pelos alunos. Para isso, procurei implementar estratégias de ensino e de aprendizagem capazes de motivar e de desafiar os alunos. Pretendi, também, desenvolver nos alunos competências sociais, importantes para o seu desenvolvimento pessoal (Freitas & Freitas, 2003). Tendo em conta estas finalidades, optei pelo trabalho de grupo como estratégia de ensino e de aprendizagem em certos conteúdos programáticos.

De forma a desenvolver corretamente esta estratégia de ensino, foi preciso ter em conta diversos aspetos. Inicialmente foi necessário definir o número de alunos que constituíram cada grupo, assim como o número de grupos a serem criados. Logicamente que o número de grupos a serem constituídos dependeu sempre do número de alunos da turma, mas, no caso da minha prática de estágio, o número de alunos que constituiu cada uma das turmas não variou muito, rondando os vinte alunos. Desta forma, organizei as turmas com cinco ou seis grupos, constituídos cada um deles por quatro ou cinco elementos. De um modo geral, numa turma devem formar-se seis grupos, sendo que cada grupo não pode ter mais que cinco elementos de modo a ser coeso e funcional na sua organização (Pato, 2001).

Estes aspetos não se verificaram na prática de estágio na disciplina de História e Geografia de Portugal, pois, em conformidade com a decisão da professora responsável da turma, decidimos constituir os grupos de acordo com o número de temáticas a serem tratadas, para que houvesse articulação entre os temas tratados por cada grupo. Assim, foram formados oito grupos, constituídos por dois ou três elementos, requerendo, por isso, uma maior disponibilidade do professor na orientação dos grupos. Em todos os momentos em que utilizei esta estratégia, foram formados grupos heterogéneos, de forma a haver uma interajuda entre todos os elementos do grupo (Pato, 2001), o que veio a confirmar-se ter sido uma decisão acertada. O espaço de interajuda que se abre nos grupos heterogéneos é o mais favorável ao desenvolvimento de atitudes como a persistência, a confiança em si próprio, a responsabilidade, a tolerância e a solidariedade (Freitas & Freitas, 2003; Pato, 2001). Embora no trabalho desenvolvido em História e Geografia de Portugal tenha sido dada liberdade aos alunos para se agruparem em grupos de dois ou três elementos, estes agruparam-se por afinidades com os colegas (Pato, 2001), mas

acabando por serem heterogêneos em relação ao aproveitamento escolar dos seus elementos.

Antes de se iniciarem os trabalhos, foi necessário dedicar algum tempo, ou até mesmo uma aula, à planificação, clarificando, essencialmente, os objetivos do trabalho que a desenvolver, assim como todas as suas etapas e a calendarização das mesmas (Castro & Ricardo, 2003; Pato, 2001). Segundo Pato (2001), na fase da planificação e da preparação das atividades, a função do professor é, essencialmente, a de organizar e de preparar a turma para o trabalho de grupo, clarificando o que o mesmo significa e as fases da sua concretização.

Esta planificação dos trabalhos revelou ter sido bastante importante, pois todos os alunos sabiam o que fazer em cada etapa. Todos os grupos tinham que as seguir de forma contínua, começando pela planificação de estratégias a usar, seguindo-se a recolha de informação através do trabalho de pesquisa e terminando com a apresentação do trabalho feito à turma (Pato, 2001)

Enquanto que no ensino expositivo o professor desempenha o papel central no processo de ensino e de aprendizagem porque lhe cabe transmitir da melhor forma possível os conteúdos (Delgado, 2011), no trabalho de grupo o professor assume outras funções, também elas importantes para que cada grupo tenha sucesso na tarefa que os une. Deste modo, cabe ao professor o papel de orientador, de moderador, de facilitador dos recursos e dos meios necessários à realização da tarefa, possibilitando, desta forma, que os alunos assumissem um papel ativo na construção da sua aprendizagem (Ribeiro, 1990). Ao longo do trabalho desenvolvido na minha prática de estágio, e em todos os momentos em que desenvolvi o trabalho de grupo, o meu papel ia variando. No início dos trabalhos, numa fase de pesquisa, de forma a possibilitar uma ampla escolha de recursos aos alunos, facilitei alguns materiais, cabendo a cada grupo a seleção da informação necessária à pesquisa do seu tema. O meu papel de orientador iniciou-se já nesta fase, através da circulação permanente por todos os grupos e na ajuda na seleção da informação necessária ao tema de cada grupo no material disponibilizado, o que permitiu manter os grupos no caminho para o cumprimento dos objetivos estabelecidos. Já na fase de desenvolvimento da pesquisa, a circulação pelos grupos manteve-se, tentando sempre perceber o ponto de situação em que cada grupo se encontrava, orientando, também, na seleção e na análise da informação pesquisada.

Como refere Pato (2001), depois dos grupos formados e já durante a actividade de pesquisa, o professor fica disponível para observar, orientar, dinamizar e avaliar o que cada grupo e cada elemento que o compõe fazem (Pato, 2001).

O papel de orientador é essencial para o sucesso do trabalho, pois é fundamental que o professor esteja em constante acompanhamento dos grupos, impedindo, desta forma, o insucesso do trabalho de cada grupo.

Numa última fase dos trabalhos, cada grupo preparou a sua apresentação. Nesta etapa, foi dada total liberdade aos alunos na escolha do modo e dos recursos a usar na apresentação. A escolha do momento de apresentação de cada grupo não foi feita de forma aleatória, mas sim de acordo com a ordem cronológica dos temas a tratar, para que houvesse uma articulação dos temas e, desta forma, facilitar a sua aprendizagem. Grande parte dos grupos optou por um método expositivo, recorrendo a recursos audiovisuais como apoio na apresentação dos seus temas. Nesta fase de conclusão dos trabalhos, procurei que houvesse uma interação e sintonia entre o grupo a apresentar e a restante turma, encorajando um clima de debate. De forma a que não ocorressem erros ou falta de informação no processo de assimilação dos conhecimentos pelos alunos, foi necessária, em alguns momentos, a minha intervenção, que consistiu em completar ideias apresentadas, esclarecer informação, levar os alunos a questionar o que ouviam dos colegas. Como refere Pato (2001), durante o processo de apresentação e discussão, o professor assumirá funções de orientador e de dinamizador de um debate em que o seu grau de intervenção está dependente do nível de ensino da classe que leciona. Foi o que procurei fazer durante a última etapa do trabalho de grupo dos alunos.

Conclusão

Na perspectiva atual do ensino, verifica-se uma maior importância atribuída às abordagens construtivistas no ensino e na aprendizagem. Nesse sentido, para que o aluno construa o seu próprio conhecimento e desenvolva a sua autonomia, é necessário que ele interaja com outros e com objectos que lhe permita construir aprendizagens com sentido.

Durante a nossa prática pedagógica tentámos desenvolver atividades que envolviam situações problemáticas sobre os conteúdos em abordagem cuja resolução foi feita com recurso ao trabalho em pequenos grupos. Esta estratégia que permitiu aos alunos a construção das aprendizagens necessárias dos conteúdos e o desenvolvimento de competências procedimentais, conceituais e atitudinais.

Pareceu-nos, por isso, que o recurso à estratégia do trabalho de grupo a melhor aquisição dos conhecimentos, percebendo que em todos os momentos o professor tem um papel crucial no desenvolvimento desta estratégia de ensino, já que se assume como um facilitador e orientador dessas aprendizagens construídas em pequenos grupos.

Do ponto de vista pessoal e profissional, a nossa prática de ensino supervisionada permitiu-nos estar em contacto com a realidade educativa na qual pretendemos trabalhar, mostrando-nos as dificuldades que fomos enfrentando e ultrapassando. Deste modo, julgamos ter adquiridos competências práticas de análise e de resolução de problemas profissionais, o que nos permitiu evoluir e aprender.

Acredito que durante todo este período conseguimos crescer profissional e pessoalmente, crescimento este que será muito importante no nosso futuro profissional.

Referências Bibliográficas

- Castro, L. & Ricardo, M. M. (2003): *Gerir o Trabalho de Projecto – Guia para a Flexibilização e Revisão Curriculares*. 7ª edição. Lisboa: Texto Editora.
- Freitas, L. V. & Freitas, C. V. (2003). *Aprendizagem Cooperativa*. Porto: Edições Asa.
- Delgado, P. S. (2011). Métodos, princípios y estrategias didácticas. In I. C. Mayo & M. Pino-Juste (Coords.). *Diseño y desarrollo del curriculum*. Madrid: Alianza Editorial, p. 185-203.
- Domingos, A. M., Neves, I. P. & Galhardo, L. (1987). *Uma Forma de Estruturar o Ensino e a Aprendizagem*. 3ª edição. Lisboa: Livros Horizonte.
- Font, C. M. (2007). *Estratégias de Ensino e de Aprendizagem*. Porto: Edições Asa.
- Lebrun, M. (2008). *Teorias e Métodos Pedagógicos para Ensinar e Aprender*. Lisboa: Instituto Piaget.
- M. E. (2006). *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico- 1º Ciclo*. 5ª edição. Lisboa: Ministério da Educação.
- M. E. (2006). *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico- 2º Ciclo*. 5ª edição. Lisboa: Ministério da Educação.
- Pato, H. (2001): *Trabalho de Grupo no Ensino Básico – Guia Prático para Professores*. 3ª edição. Lisboa: Texto Editora.
- Pacheco, J. A. & Flores, M. A. (1999). Estratégias. In J. A. Pacheco (Org.). *Componentes do Processo de Desenvolvimento do Currículo*. Braga: Livraria Minho, p. 157-186.
- Ribeiro, A. C. (1990). *Desenvolvimento Curricular*. Lisboa: Texto Editora.
- Roldão, M. C. (2010). *Estratégias de ensino: o saber e o agir do professor*. 2ª edição. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Webgrafia

- Câmara Municipal de Vila Real. (2016). *Caracterização do Concelho*. Disponível em www.cm-vilareal.pt/, consultado em 20 de junho de 2016.
- Agrupamento de Escolas Morgado Mateus – Regulamentos e Regimentos. Acedido em: <http://aemm.pt/index.php/widgetkit/slideset>, consultado em 20 de junho de 2016.